

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Passivas no português brasileiro: ensino investigativo, resultados descritivos e elaboração de roteiros didáticos

Márcia Cançado, Maria Clara Silva, Luiza dos Santos, Liliani Rezende, João Reis, Ítalo Goncalves, Henrique de Abreu, Gleici Silva, Daniela Gomes, Barbara Pascoal, Ana Luisa Teixeira Leite, Sabrina Sales

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16621>

Submetido em: 2026-06-19

Postado em: 2026-08-12 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

Passivas no português brasileiro: ensino investigativo, resultados descritivos e elaboração de roteiros didáticos

Passive Constructions in Brazilian Portuguese: Investigative Teaching, Descriptive Results, and the Development of Didactic Guidelines

Márcia Cançado

Faculdade de Letras da UFMG – Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

CNPq (PQ Sênior)

<https://orcid.org/0000-0002-4159-3661>

Ana Luisa Teixeira Leite

Faculdade de Letras da UFMG – Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

<https://orcid.org/0009-0006-0872-112X>

Barbara Rocha Pascoal

Faculdade de Letras da UFMG – Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

<https://orcid.org/0009-0002-8692-2091>

Daniela Ferreira Gomes

Faculdade de Letras da UFMG – Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-6991-2580>

Gleici Kelly Alves da Silva

Faculdade de Letras da UFMG – Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

<https://orcid.org/0009-0007-8143-3594>

Henrique de Abreu Santos

Faculdade de Letras da UFMG – Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

<https://orcid.org/0009-0008-7389-9623>

Ítalo Vinícius Gonçalves

Faculdade de Letras da UFMG – Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-0437-2966>

João Victor Batista Reis

Faculdade de Letras da UFMG – Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

<https://orcid.org/0009-0002-5278-1163>

Liliani Alice Rezende

Faculdade de Letras da UFMG – Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

<https://orcid.org/0009-0009-9816-6941>

Luiza Cândido dos Santos

Faculdade de Letras da UFMG – Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

<https://orcid.org/0009-0003-5460-9591>

Maria Clara Ferreira Silva

Faculdade de Letras da UFMG – Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

<https://orcid.org/0009-0007-4351-0982>

Sabrina de Farias Sales

Faculdade de Letras da UFMG – Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

<https://orcid.org/0009-0006-7833-2242>

Resumo

Este artigo relata uma experiência de ensino investigativo de gramática voltada à análise das construções passivas no português brasileiro. A experiência foi desenvolvida em uma disciplina da Faculdade de Letras da UFMG, no âmbito do projeto “Da pesquisa linguística à prática docente: ensino investigativo de gramática com o VerboWeb 3.0 (PQ/CNPq)”. O objetivo é mostrar como uma metodologia investigativa pode levar alunos em formação docente a observar dados reais, aplicar testes sintático-semânticos, consultar a plataforma VerboWeb 3.0 e formular generalizações sobre fenômenos gramaticais complexos. Foram analisados quatro tipos de passivas: a passiva analítica ou eventiva, a passiva sintética e as passivas adjetivais resultativa e estativa. Os resultados mostram que a passivização no português brasileiro não pode ser explicada apenas por critérios formais, pois envolve também estrutura argumental, papéis temáticos, aspecto lexical, restrições semânticas e efeitos discursivos. Como desdobramento da experiência, os resultados descritivos foram transformados em roteiros didáticos voltados ao ensino básico, a serem disponibilizados na plataforma GramáticaWeb. Defende-se, assim, que o ensino de gramática pode ser organizado como prática investigativa, aproximando pesquisa linguística, formação docente e produção de materiais didáticos acessíveis.

Palavras-chave: construções passivas; ensino investigativo de gramática; português brasileiro; formação docente; VerboWeb 3.0.

Abstract

This article reports on an experience of investigative grammar teaching focused on the analysis of passive constructions in Brazilian Portuguese. The experience was developed in a course at Faculdade de Letras da UFMG, within the research project “Da pesquisa linguística à prática docente: ensino investigativo de gramática com o VerboWeb 3.0 (PQ/CNPq)”. The aim is to show how an investigative methodology can lead pre-service teachers to observe real data, apply syntactic-semantic tests, consult VerboWeb 3.0, and formulate generalizations about complex grammatical phenomena. Four types of passive constructions were analyzed: analytic or eventive passive, synthetic passive, adjectival resultative passive, and adjectival stative passive. The results show that passivization in Brazilian Portuguese cannot be explained solely by formal criteria, since it also involves argument structure, thematic roles, lexical aspect, semantic restrictions, and discourse effects. As an outcome of the experience, the descriptive results were transformed into didactic guidelines for basic education, to be made available on GramáticaWeb. The article argues that grammar teaching can be organized as an investigative practice, bringing together linguistic research, teacher education, and the production of accessible teaching materials.

Keywords: passive constructions; investigative grammar teaching; Brazilian Portuguese; teacher education; VerboWeb 3.0.

1 Introdução

A formação de professores de língua portuguesa é marcada, de forma recorrente, por lacunas na compreensão metalinguística dos licenciandos, especialmente quando se trata de relacionar categorias gramaticais a propriedades sintáticas, semânticas e discursivas da língua. A literatura consolidada sobre o ensino de gramática (FRANCHI, 1992 [1977]; 1987; 2006 [1991]; GERALDI, 1991; POSSENTI, 1996; TRAVAGLIA, 1996; FRANCHI; NEGRÃO; MULLER, 1999; ANTUNES, 2007; NEVES, 2003), bem como estudos mais recentes (COSTA, 2024; TELES; TAVARES, 2021; LIMA; SOUSA; MOURA, 2019; GIACOMIN; CERUTTI-RIZZATTI, 2019), aponta para a necessidade de práticas que ultrapassem a simples transmissão de definições e classificações gramaticais.

Este artigo parte desse problema e tem como objetivo relatar uma experiência de ensino investigativo de gramática em que descrições linguísticas foram construídas coletivamente em sala de aula. O foco não é propor uma descrição inédita das construções passivas no português brasileiro, mas mostrar como uma metodologia investigativa pode levar alunos em formação a observar dados reais, aplicar testes sintático-semânticos,

consultar o [VerboWeb 3.0](#)¹ e formular generalizações sobre fenômenos gramaticais complexos.

A experiência aqui relatada constitui uma aplicação do projeto de pesquisa “Da pesquisa linguística à prática docente: ensino investigativo de gramática com o VerboWeb 3.0 (PQ/CNPq)”. O projeto parte da hipótese de que conhecimentos produzidos pela pesquisa linguística, especialmente na interface entre semântica lexical e sintaxe, podem ser transformados em percursos didáticos acessíveis à formação de professores e ao ensino básico. Nesse sentido, a experiência com as construções passivas representa uma primeira aplicação sistemática dessa proposta, articulando investigação linguística, formação docente e produção de materiais didáticos.

A escolha das construções passivas como objeto de investigação justifica-se pelo fato de esse fenômeno envolver relações entre forma sintática, estrutura argumental, papéis temáticos, aspecto lexical, restrições seletivas e efeitos discursivos. Foram analisados quatro tipos de passivas no português brasileiro: a passiva analítica ou eventiva, como em *a lei foi aprovada pelo Congresso*; a passiva sintética, como em *vendem-se casas*; a passiva adjetival resultativa, como em *o vaso ficou quebrado*; e a passiva adjetival estativa, como em *a porta está fechada*.

Nas gramáticas escolares, a voz passiva costuma ser apresentada como uma estrutura derivada da voz ativa, em que o objeto direto da oração ativa passa à posição de sujeito da oração passiva: *o professor abriu a porta* / *a porta foi aberta pelo professor*. Essa descrição, embora importante, não é suficiente para explicar o funcionamento das diferentes construções passivas existentes no português brasileiro. A aceitabilidade ou a inadequação de uma passiva depende não apenas da forma sintática do verbo, mas também de suas propriedades semânticas, das restrições seletivas, dos papéis temáticos envolvidos, da estrutura de evento e dos efeitos discursivos produzidos pela construção.

Segundo Antonio et al. (2022), na tradição gramatical, a categoria voz tem sido descrita principalmente a partir de suas propriedades formais. As gramáticas escolares, em geral, apresentam as características formais das construções passivas sintética e analítica - *a porta foi aberta* / *abriu-se a porta* - e propõem exercícios de passagem de um tipo de construção para o outro. Bechir (2021), ao analisar livros didáticos brasileiros do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio aprovados pelo PNLD, também aponta uma tendência de limitar o tratamento da passiva tanto em relação à transitividade verbal, restringindo sua ocorrência aos verbos transitivos diretos, quanto em relação à sua semântica, restringindo-a aos verbos de ação agentivos.

Além disso, a tradição escolar tende a reduzir o tratamento da passiva à oposição entre voz ativa e voz passiva, tomando como modelo central a construção analítica com

¹ O VerboWeb 3.0 é um banco digital sintático-semântico-lexical de verbos do português brasileiro, de acesso aberto, organizado em diferentes perspectivas de análise, como estrutura de evento, papéis temáticos, aspecto lexical, conteúdo semântico e restrições seletivas. A plataforma permite consultar propriedades dos verbos e investigar seu comportamento em diferentes construções gramaticais, com exemplos construídos e de uso.

[*ser + participio*]. Com isso, construções conhecidas na literatura linguística como passivas adjetivais resultativas e passivas adjetivais estativas, como *a porta ficou aberta* e *a porta está aberta*, são frequentemente deslocadas para o domínio do predicativo do sujeito ou do adjetivo participial, sem que se explicita a diferença entre passivas verbais e passivas adjetivais. Essa ausência de distinção impede uma descrição mais precisa das relações entre forma, sentido e estrutura de eventos no português brasileiro.

Neste artigo, seguindo a tradição das análises linguísticas, usamos o rótulo “passiva” também para essas construções participiais, indicando que a propriedade atribuída ao sujeito não corresponde a uma qualidade inerente, como em *azul* ou *alto*, mas a uma propriedade adquirida por meio de um processo em que esse sujeito é interpretado como alvo ou paciente. Trata-se, portanto, de uma perspectiva que descreve o processo, o resultado ou o estado a partir do participante afetado ou do alvo de um evento.

O termo passivo vem do latim *passivus*, “aquele que sofre” ou “aquele que suporta”. O rótulo serve para diferenciar a orientação do sujeito em relação ao evento: na voz ativa, o sujeito é, prototipicamente, a origem ou o agente do processo; na voz passiva, o sujeito é o alvo ou o participante afetado por essa força. Nessa direção, Kratzer (2000) argumenta que o rótulo “passiva” é essencial para a análise das passivas adjetivais, porque elas constituem uma espécie de elo entre o verbo e o adjetivo. Ao se dizer “a porta ficou trancada” ou “a porta está trancada”, usa-se uma construção passiva porque, semanticamente, o estado de estar trancada ou o resultado de ficar trancada pressupõe um evento anterior de trancar. Sintaticamente, o sujeito *porta* continua relacionado ao papel de paciente do verbo *trancar*. Entretanto, embora essas construções compartilhem a possibilidade de deslocar o foco da oração para o participante afetado, elas não apresentam o mesmo comportamento sintático-semântico das passivas analítica e sintética.

A metodologia aplicada na experiência inverteu a lógica tradicional de instrução, frequentemente baseada na sequência: definição metalinguística → exemplos. Em seu lugar, adotou-se um percurso que parte da intuição semântica do falante, avança para a sistematização dos padrões formais, culmina na elaboração de definições operacionais e finaliza com a relação entre essas definições e as condições de uso efetivo: SENTIDO → ESTRUTURA → DEFINIÇÃO METALINGUÍSTICA → CONDIÇÕES DE USO.

Esse percurso, operacionalizado pela exploração mediada do VerboWeb 3.0, apresentou-se produtivo para a formulação, pelos alunos, de relações entre sintaxe e semântica na análise das construções passivas no português brasileiro. O VerboWeb 3.0, um banco de dados sintático-semântico-lexical que classifica verbos a partir de suas propriedades semânticas e sintáticas, funcionou como ferramenta central da investigação, pois permitiu consultar propriedades como estrutura argumental, papéis temáticos, aspecto lexical, conteúdo semântico, restrições seletivas e perspectivas pragmático-discursivas.

Desse modo, o artigo articula três dimensões: a experiência de ensino investigativo realizada em sala, os resultados descritivos produzidos a partir dessa experiência e a elaboração de roteiros didáticos derivados desse processo. As descrições aqui apresentadas não resultam de uma exposição teórica prévia, mas de um percurso coletivo de investigação

linguística, no qual os alunos observaram orações reais, testaram transformações, compararam padrões, discutiram dados positivos e negativos e formularam generalizações sobre o funcionamento das passivas no português brasileiro.

A partir dos resultados descritivos obtidos, os grupos elaboraram roteiros didáticos voltados ao ensino básico, a serem disponibilizados na [GramáticaWeb](#)². Neste artigo, esses roteiros não são apresentados integralmente, mas discutidos como desdobramento da experiência e como forma de transposição da pesquisa linguística para práticas de ensino investigativo de gramática.

Na seção 2, apresentamos a metodologia de ensino investigativo empregada na turma para a construção das descrições propostas. Na seção 3, apresentamos os resultados descritivos referentes aos quatro tipos de construções passivas analisados. Na seção 4, discutimos a elaboração dos roteiros didáticos derivados dessa experiência e sua disponibilização na GramáticaWeb. Por fim, na seção 5, retomamos as principais contribuições da proposta para a descrição gramatical do português brasileiro, para a formação docente e para o ensino investigativo de gramática.

2 Metodologia de análise

Como indicado na introdução, a experiência relatada neste artigo constitui uma aplicação do projeto “Da pesquisa linguística à prática docente: ensino investigativo de gramática com o VerboWeb 3.0 (PQ/CNPq)”. Nesta seção, descrevemos o percurso metodológico desenvolvido na disciplina “Estudos Temáticos de Linguística Aplicada - Ensinar investigando: a gramática do português pelo VerboWeb 3.0”.

A metodologia foi organizada a partir de uma perspectiva investigativa de ensino de gramática. Em vez de partir da apresentação de definições prontas, o trabalho tomou como ponto de partida a observação de dados reais, o levantamento de hipóteses, a aplicação de testes sintático-semânticos, a consulta ao VerboWeb 3.0 e a formulação de generalizações sobre o funcionamento das construções passivas no português brasileiro. Desse modo, os alunos em formação atuaram como investigadores da língua, e não apenas como receptores de classificações gramaticais previamente estabelecidas.

O percurso metodológico seguiu a sequência SENTIDO → ESTRUTURA → DEFINIÇÃO METALINGÜÍSTICA → CONDIÇÕES DE USO. Inicialmente, os alunos foram levados a observar o sentido geral da construção e a intuição semântica associada a ela, a partir de sua organização estrutural; depois, formularam uma definição metalingüística provisória; por fim, analisaram as condições sintáticas, semânticas e discursivas que favoreceram ou bloquearam seu uso.

O objetivo central da metodologia foi produzir resultados descritivos sobre quatro tipos de construções passivas no português brasileiro: a passiva analítica, a passiva

² A GramáticaWeb é uma plataforma digital em desenvolvimento que reúne roteiros investigativos de gramática do português brasileiro, voltados principalmente a professores da educação básica. Seu objetivo é aproximar a pesquisa linguística da prática docente, por meio de atividades baseadas na observação e análise de dados da língua.

sintética, a passiva adjetival resultativa e a passiva adjetival estativa. Esses resultados, posteriormente, serviram de base para a elaboração de roteiros didáticos voltados ao ensino básico.

O percurso organizou-se em uma etapa preliminar e quatro etapas principais: seleção e organização dos dados; aplicação de testes de transformação; análise das propriedades sintático-semântico-discursivas dos verbos; e comparação entre os grupos, seguida da sistematização dos resultados.

2.1 Etapa preliminar

Inicialmente, a turma foi organizada em três grupos, e cada grupo ficou responsável pela análise de uma propriedade: passiva analítica, passiva sintética e passiva adjetival resultativa. A passiva adjetival estativa, por sua vez, foi analisada coletivamente por todos os alunos. Ao final desse processo, a turma discutiu os resultados obtidos e avaliou a própria metodologia de investigação.

Essa avaliação coletiva mostrou que a análise de uma mesma propriedade por todos os grupos havia sido mais produtiva, pois permitiu maior comparação entre dados, maior circulação de hipóteses e maior refinamento das generalizações construídas. Também se observou que a coleta livre de exemplos no Google, embora relevante para aproximar os alunos de usos reais da língua, precisava ser orientada por listas previamente selecionadas de verbos.

Assim, em uma segunda etapa da experiência, a docente passou a direcionar a busca por meio de listas de verbos previamente organizadas. Essas listas incluíam tanto verbos que potencialmente licenciavam a construção analisada quanto verbos que não a licenciavam, de modo a possibilitar a observação de dados positivos e negativos. Essa segunda forma de coleta mostrou-se mais produtiva, pois favoreceu a comparação entre estruturas, a identificação de restrições e a formulação de generalizações mais precisas.

Em vista dessa avaliação, apresentamos neste artigo a metodologia que se destacou como a mais eficaz durante a experiência e que orientou tanto a sistematização dos resultados descritivos quanto a elaboração posterior dos roteiros didáticos.

2.2 Etapa 1: seleção e organização dos dados

Na primeira etapa, cada grupo recebeu uma lista de verbos previamente selecionados pelo roteiro didático utilizado. Essas listas continham verbos que potencialmente licenciavam a propriedade investigada e verbos que, ao serem testados, não apresentavam exemplos compatíveis com a construção passiva em análise.

Os verbos que não licenciavam a construção investigada foram tratados como dados negativos. Esses dados desempenharam papel importante no percurso metodológico, pois permitiram observar quais propriedades sintáticas, semânticas ou aspectuais bloqueavam a ocorrência de determinado tipo de passiva. Desse modo, a análise não se limitou à confirmação de exemplos positivos, mas incluiu também a investigação de casos em que a construção não era possível ou não apresentava comportamento passivo.

Além dos dados positivos e negativos, também foram considerados dados contrastivos. Trata-se de orações que apresentam semelhanças formais com as construções passivas, mas que não se comportam efetivamente como passivas. Exemplos como *precisa-se de ajudantes*, *vive-se bem aqui*, *o menino foi cansado* ou *este conteúdo está bem sabido*

são relevantes porque permitem discutir os limites entre passividade, indeterminação do sujeito, estado e predicação adjetival. Esses casos não foram tratados apenas como construções inadequadas, mas como evidências úteis para refinar os critérios de identificação e classificação das passivas.

Cada grupo buscou cinco exemplos de oração com cada verbo fornecido pelo roteiro. Os dados foram coletados por meio do Google, tomando como ponto de partida a forma específica da passiva investigada. Assim, para cada tipo de construção, os alunos observaram padrões como os seguintes:

- a) passiva analítica [*ser + particípio + por*]: A lei foi aprovada pelo Congresso;
- b) passiva sintética [*verbo + -se*]: Vendem-se casas;
- c) passiva adjetival resultativa [*ficar + particípio*]: O vaso ficou quebrado;
- d) passiva adjetival estativa [*estar + particípio*]: A porta está fechada.

Em todos os tipos de passiva, os grupos observaram dois aspectos centrais: se havia ou não agente expresso e se o sujeito da oração correspondia ao participante afetado ou alvo do evento.

2.3 Etapa 2: aplicação dos testes de transformação

A segunda etapa consistiu na aplicação de testes destinados a verificar se a construção analisada apresentava comportamento passivo. Esses testes variaram conforme o tipo de passiva investigado.

No caso da passiva analítica, partiu-se de uma oração ativa transitiva direta e testou-se sua conversão para a estrutura [*ser + particípio*], bem como a possibilidade de inserção do agente da passiva:

- (1) a. O Congresso aprovou a lei.
- b. A lei foi aprovada (pelo Congresso).

Esse teste permitiu verificar se o complemento não preposicionado da oração ativa podia ocupar a posição de sujeito da oração passiva e se o sujeito da ativa podia ser expresso como agente da passiva.

No caso da passiva sintética, testou-se a possibilidade de conversão da construção com se para uma passiva analítica. Observou-se, ainda, se havia concordância do verbo com o sintagma nominal posposto. Além disso, aplicou-se o teste da inserção de uma oração subordinada de finalidade, com o objetivo de evidenciar a leitura agentiva da construção, uma vez que o agente da passiva não é expresso nesse tipo de estrutura:

- (2) a. Vendem-se casas para ganhar a vida.
- b. Casas são vendidas.

Quando a conversão para a passiva analítica era possível, havia indício de que o se funcionava como pronome apassivador. Quando a conversão não era possível, como em *precisa-se de ajudantes* / **ajudantes são precisados*, a construção era analisada como caso de indeterminação do sujeito, e não como passiva sintética.

No caso das passivas adjetivais resultativas, testou-se a estrutura [*ficar* + *particípio*], observando se ela expressava o resultado de uma mudança de estado. Também se verificou a impossibilidade de inserção de um agente da passiva:

- (3) a. O menino quebrou o vaso.
- b. O vaso ficou quebrado (*pelo menino).

Nesse caso, o sujeito da construção resultativa corresponde ao participante afetado por um evento anterior. A construção focaliza o resultado alcançado após o processo e, por isso, exclui a possibilidade de inserção de um agente da passiva.

No caso das passivas adjetivais estativas, testou-se a estrutura [*estar* + *particípio*], observando se ela expressava um estado decorrente de um evento anterior. Também se verificou a impossibilidade de inserção de um agente da passiva:

- (4) a. Alguém fechou a porta.
- b. A porta está fechada (*por alguém).

A construção estativa focaliza o estado atual do participante afetado, e não o processo que levou a esse estado. Por essa razão, também exclui a possibilidade de inserção de um agente da passiva.

Os verbos que não aceitaram as construções passivas foram listados com a respectiva forma agramatical ou inadequada construída pelos alunos, como em:

- (5) *O menino foi cansado pelo treinador.

Todas as observações foram registradas, incluindo os casos em que a transformação era possível, os casos em que a construção era bloqueada e as hipóteses formuladas pelos grupos para explicar esses resultados.

2.4 Etapa 3: análise das propriedades sintático-semântico-discursivas dos verbos

Após a coleta dos dados e a aplicação dos testes, os verbos analisados foram consultados na plataforma VerboWeb 3.0. O objetivo foi verificar informações relevantes para a descrição das construções passivas, tais como:

- a) estrutura argumental do verbo;
- b) transitividade;
- c) papéis temáticos envolvidos;
- d) presença de agente, causa ou paciente;
- e) possibilidade de mudança de estado;
- f) telicidade;
- g) aspecto lexical;
- h) restrições seletivas;
- i) propriedades pragmático-discursivas.

Os alunos não precisavam dominar previamente todas essas noções. O conhecimento metalinguístico necessário à condução da atividade foi introduzido ao longo do percurso,

com mediação da docente e apoio das informações disponíveis no VerboWeb 3.0. Como o banco apresenta dados construídos e dados de uso, os alunos puderam observar o comportamento dos verbos e das construções a partir de exemplos concretos.

Nessa etapa, explorou-se o potencial investigativo dos alunos. Cada grupo observou e discutiu o comportamento das orações analisadas, estabeleceu comparações entre os dados e buscou regularidades nas propriedades apresentadas pelo VerboWeb. A partir dessas observações, os alunos formularam definições provisórias para a construção analisada, considerando aspectos sintáticos, semânticos e discursivos.

Essa etapa também permitiu evidenciar que a descrição das passivas não depende apenas da forma superficial da construção. A aceitabilidade ou o bloqueio de uma passiva envolve propriedades da estrutura argumental do verbo, do tipo de participante projetado, da presença ou ausência de mudança de estado, da leitura aspectual e dos efeitos discursivos associados à construção.

2.5 Etapa 4: comparação entre os grupos e sistematização dos resultados

A etapa final consistiu na comparação dos resultados obtidos pelos grupos. Foram discutidas as semelhanças e diferenças entre os dados analisados, os testes aplicados e as hipóteses formuladas. Essa comparação permitiu observar quais critérios eram mais produtivos para distinguir os diferentes tipos de passiva e quais casos exigiam uma análise mais refinada.

A partir da discussão coletiva, chegou-se a uma sistematização sobre a ocorrência de cada tipo de passiva, incluindo sua forma, suas restrições sintáticas, suas restrições semânticas e seus efeitos discursivos. Esse procedimento foi realizado para cada uma das quatro construções analisadas: passiva analítica, passiva sintética, passiva adjetival resultativa e passiva adjetival estativa.

Ao final do estudo, os quatro tipos de passiva foram comparados entre si. Essa comparação permitiu formular resultados descritivos sobre o processo de passivização no português brasileiro, articulando forma sintática, estrutura argumental, papéis temáticos, aspecto lexical e efeitos discursivos.

A metodologia adotada favoreceu o ensino investigativo de gramática, pois levou os alunos a observar dados, formular hipóteses, aplicar testes, comparar padrões e construir generalizações sobre o funcionamento das passivas. Os resultados obtidos nessa etapa serviram, posteriormente, de base para a elaboração dos roteiros didáticos discutidos na seção 4.

3 Resultados descritivos da investigação

Nesta seção, são apresentados os principais resultados descritivos produzidos pelos grupos a partir da metodologia de ensino investigativo descrita na seção anterior. O objetivo não é oferecer uma descrição exaustiva das construções passivas no português brasileiro, como já mencionado, mas mostrar como a observação de dados reais, a aplicação de testes e a consulta ao VerboWeb 3.0 permitiram aos alunos formular generalizações relevantes sobre os quatro tipos de passiva investigados.

Os exemplos apresentados foram selecionados entre os dados coletados pelos grupos por meio do Google Brasil³ e funcionam como evidências representativas dos padrões observados.

3.1 Passiva analítica (ou eventiva)

A análise da passiva analítica partiu da hipótese tradicional de que essa construção envolve uma ativa correlata, na qual o complemento não preposicionado passa à posição de sujeito na passiva. O primeiro resultado obtido confirmou essa restrição sintática: todas as passivas analíticas atestadas na primeira fase da investigação possuíam uma ativa correspondente com complemento verbal não preposicionado. Esse comportamento pode ser observado em:

- (6) a. O Congresso aprovou a lei.
- b. A lei foi aprovada pelo Congresso.

Em (6), o sintagma *a lei*, complemento não preposicionado da ativa, passa a ocupar a posição de sujeito da passiva. O teste permitiu aos alunos formular a primeira generalização: a passiva analítica depende da existência de uma ativa correlata com complemento não preposicionado (depende também da natureza dessa preposição, segundo Bechir, 2021).

Entretanto, a investigação mostrou que essa condição sintática não é suficiente para explicar todos os casos. Alguns verbos com complemento não preposicionado não licenciam a passiva analítica. Isso foi observado, sobretudo, com verbos estativos de posse e com verbos estativos de propriedade, como nos exemplos a seguir:

- (7) a. Casal de artistas possui jatinho de R\$ 400 milhões.
- b. *Jatinho de R\$ 400 milhões é possuído por casal de artistas.
- (8) a. Mansão com 10 quartos custou R\$ 50 milhões.
- b. *R\$ 50 milhões são custados por mansão com 10 quartos.
- (9) a. O chip pesa menos de um grama.
- b. *Menos de um grama é pesado pelo chip.

Esses dados levaram à conclusão de que a passiva analítica não pode ser definida apenas pela transformação formal de uma ativa em uma construção com [*ser* + *participio*]. Ela depende também de propriedades semânticas do verbo e da estrutura de evento. Verbos estativos de posse, valor ou medida bloqueiam a passivização porque não expressam um evento dinâmico em que um participante seja afetado ou alvo de um evento.

A análise, porém, mostrou que a oposição entre verbos eventivos e estativos não explica todos os casos. Verbos estativos locativos, como *habitar*, e vários verbos com sujeito experienciador, como *amar*, podem licenciar a passiva em determinados contextos:

- (10) a. Fósseis revelam que capivaras já habitaram o Chile.
- b. O Chile já foi habitado por capivaras.

³ Os exemplos de dados reais aqui apresentados foram coletados por meio do Google, e suas fontes podem ser recuperadas mediante a inserção do respectivo exemplo, entre aspas duplas, no campo de busca do navegador.

- (11) a. Jacques Derrida amava as mulheres.
b. As mulheres eram amadas por Jacques Derrida.

Por outro lado, quando o objeto de um verbo de sujeito experienciador não é humano, a passiva parece menos natural:

- (12) a. Eu amava chocolate diamante negro...
b. ??? Chocolate diamante negro era amado por mim.

Os verbos psicológicos com objeto experienciador, por sua vez, apresentaram forte tendência ao bloqueio da passiva analítica:

- (13) a. A arrogância da filha preocupava a mãe.
b. *A mãe foi preocupada pela arrogância da filha.

No entanto, alguns verbos dessa classe, como *consolar* e *tranquilizar*, podem aceitar a passiva quando assumem leitura agentiva ou causativa, com objeto interpretado como paciente afetado:

- (14) a. Ex-chefe da Polícia Civil do Rio consolou família.
b. Família foi consolada por ex-chefe da Polícia Civil do Rio.

Com base nesses dados, formulou-se a hipótese de que a passiva analítica é sensível não apenas à classe semântica do verbo, mas também à leitura assumida pelo verbo na oração. Um mesmo item lexical pode bloquear a passiva em uma leitura e licenciá-la em outra. Esse comportamento aparece em verbos como *enriquecer*, por exemplo:

- (15) a. A fama enriqueceu a família.
b. *A família foi enriquecida pela fama.
(16) a. Os cientistas enriqueceram o urânio.
b. O urânio foi enriquecido pelos cientistas.

Em (15), *enriquecer* tem leitura não agentiva, desencadeada por uma causa abstrata. Em (16), o verbo recebe leitura agentiva ou causativa, com objeto paciente, o que favorece a passiva.

Assim, os resultados da investigação permitiram aos alunos concluir que a passiva analítica ou eventiva depende de uma condição sintática básica, a existência de uma ativa correlata com complemento não preposicionado, mas sua ocorrência é fortemente condicionada por fatores semânticos. A passiva é favorecida quando há evento dinâmico, participante afetado e leitura agentiva ou causativa; e tende a ser bloqueada por verbos estativos de posse, propriedade, valor, medida e pela maioria dos verbos psicológicos com objeto experienciador. Além disso, a individuação do objeto é uma propriedade que facilita a ocorrência da passiva.

3.2 Passiva sintética e indeterminação com *se*

A análise da passiva sintética teve como ponto de partida a descrição tradicional segundo a qual essa construção é formada por verbo transitivo direto acompanhado, geralmente, do clítico *se* em posposição ao verbo. Nessa análise, o sintagma nominal que acompanha o verbo é interpretado como sujeito paciente:

(17) Vende-se uma casa.

Entretanto, é importante destacar que a simples presença do clítico *se* em posposição ao verbo não é suficiente para caracterizar uma construção como passiva. Segundo Cançado e Amaral (2016), o português brasileiro apresenta nove tipos de ocorrências distintas para o clítico *se*: reflexivo, recíproco, marca incoativa, marca média, inerente, ênfase, indeterminação, apassivador e *se* conjunção condicional. Portanto, fez-se necessário aplicar algum teste que evidenciasse o funcionamento do *se* como pronome apassivador.

A investigação evidenciou, inicialmente, que o teste de conversão para a passiva analítica é um procedimento produtivo para distinguir a passiva sintética de outras construções com *se*. Quando a conversão é possível, há indício de que o sintagma nominal posposto ao verbo funciona como sujeito paciente:

- (18) a. Observa-se o desvio fonológico da linguagem.
b. O desvio fonológico da linguagem é observado.
- (19) a. Ouviram-se tiros no centro da cidade de Bissau.
b. Tiros foram ouvidos no centro da cidade de Bissau.
- (20) a. Formam-se cidadãos para o futuro.
b. Cidadãos são formados para o futuro.

Nesses casos, há verbo transitivo direto, concordância com o sintagma nominal posposto e possibilidade de conversão para a passiva analítica. Esses critérios permitiram aos alunos identificar casos prototípicos de passiva sintética.

Vale observar, porém, que exemplos de indeterminação do sujeito levam, muitas vezes, a análises equivocadas. A indeterminação do sujeito com o clítico *se* ocorre com verbos transitivos indiretos ou intransitivos. Nesses casos, não há complemento direto que possa ser promovido a sujeito paciente, e a conversão para a passiva analítica não é possível:

- (21) a. Precisa-se de ajudantes.
b. *Ajudantes são precisados.
- (22) a. Vive-se bem aqui.
b. *Aqui é bem vivido.

Portanto, do ponto de vista estrutural, essas ocorrências diferem e não deveriam causar dúvidas na análise gramatical. Entretanto, do ponto de vista discursivo, elas exercem funções semelhantes, pois, em ambos os casos, há apagamento ou indeterminação de um participante humano ou animado. Daí a possibilidade de sobreposição de análises. Essa afirmação dialoga com Santos Junior (2010), Nascimento e Canossa (2015) e Silva (2021),

que destacam a necessidade de articular sintaxe, semântica e discurso na análise do *se* no português brasileiro.

A investigação também demonstrou que algumas construções com verbos que podem ocorrer em mais de uma configuração sintática, ainda que de modo menos prototípico, reforçam a importância da configuração sintático-semântica da oração. O verbo *viver*, por exemplo, pode ocorrer com complemento não preposicionado de natureza cognata ou semanticamente aparentada, como em *viver uma vida*:

- (23) a. Vive-se uma longa vida naquela aldeia.
- b. Uma longa vida é vivida naquela aldeia.

Mas, quando ocorre como intransitivo, não licencia passiva:

- (24) a. Vive-se bem aqui.
- b. *Aqui é bem vivido.

O mesmo se verifica com *correr*, que pode ocorrer com complemento não preposicionado de natureza eventiva, como em *correr uma corrida*, *correr uma prova* ou *correr a São Silvestre*:

- (25) a. Ao final da tarde deste sábado, correu-se a 9ª edição da São Silvestre.
- b. A 9ª edição da São Silvestre foi corrida ao final da tarde deste sábado.
- (26) a. Corre-se muito nesta pista pela manhã.
- b. *Pela manhã é corrido muito nesta pista.

Esses dados permitiram concluir que não é o verbo isolado que determina a possibilidade de passivização, mas a estrutura em que ele ocorre. Quando há complemento não preposicionado e possibilidade de conversão para a passiva analítica, a leitura passiva é favorecida, ainda que em casos menos prototípicos, nos quais o complemento não corresponde a um paciente afetado típico, mas a um objeto cognato, eventivo ou semanticamente aparentado, como em (23) e (25). Quando, ao contrário, o verbo ocorre sem complemento direto, como em (24) e (26), o *se* não funciona como pronome apassivador, mas como índice de indeterminação do sujeito.

Outro resultado importante diz respeito aos verbos inacusativos, como *chegar*, *cair* e *nascer*, que não licenciam passiva sintética:

- (27) a. Chegou-se tarde na festa.
- b. *Na festa foi chegado tarde.
- (28) a. Caiu-se feio.
- b. *Feio foi caído.
- (29) a. Nasce-se humano?
- b. *Humano é nascido.

Nesses casos, não há agente controlador a ser apagado nem objeto direto que possa se tornar sujeito paciente. Por isso, a construção com *se* não apresenta comportamento passivo.

Assim, a passiva sintética, em sentido estrito, ocorre quando há verbo transitivo direto, sujeito paciente e possibilidade de conversão para a passiva analítica. Já as construções com verbos transitivos indiretos, intransitivos ou inacusativos pertencem ao domínio da indeterminação do sujeito ou de outras construções com *se*, embora compartilhem com a passiva sintética o efeito discursivo de apagamento ou indeterminação de um participante não expreso.

3.3 Passivas adjetivais resultativas e estativas

As passivas adjetivais resultativas e estativas foram analisadas conjuntamente porque ambas apresentam participios ou adjetivos cognatos associados a um sujeito interpretado como paciente ou participante afetado. A diferença central entre elas está no modo como cada construção se relaciona com o evento anterior: a passiva resultativa, formada por [*ficar* + *particípio*], focaliza o estado resultante de uma mudança; a passiva estativa, formada por [*estar* + *particípio*], focaliza o estado atual do participante afetado, sem necessariamente recuperar o processo que levou a esse estado.

A análise partiu da observação de que nem toda construção com [*ficar* + *particípio*] ou [*estar* + *particípio*] corresponde automaticamente a uma passiva adjetival. O critério central adotado foi verificar se o verbo expressava uma mudança de estado em um paciente, isto é, uma passagem de um estado A para um estado B.

No caso da passiva resultativa, observou-se que o auxiliar *ficar* é ambíguo. Ele pode expressar mudança de estado, podendo ser parafraseado por *tornar-se* ou *passar a ficar*, ou pode expressar permanência em um estado. Apenas no primeiro caso há passiva adjetival resultativa:

(30) O biquíni ficou desbotado.

Em (30), o biquíni passa de um estado não desbotado para um estado desbotado. O foco da construção recai sobre o estado resultante da mudança. Foram encontrados exemplos com verbos como *ferir*, *desarrumar*, *desbotar*, *congestionar*, *corromper*, *enriquecer* e *arranhar*, todos compatíveis com a leitura de mudança de estado:

(31) Duas pessoas ficaram feridas.

(32) Seu cabelo ficou desarrumado.

(33) O trânsito ficou congestionado.

(34) O conteúdo do meu dispositivo USB ficou corrompido.

Esses dados permitiram concluir que a passiva adjetival resultativa ocorre com verbos que denotam mudança de estado e cujo resultado permanece relevante no momento da enunciação. Trata-se de uma construção que mantém vínculo com um evento anterior, mas desloca o foco para o estado final do paciente.

Do ponto de vista dos papéis temáticos, observou-se que essas construções envolvem uma causa e um paciente. A causa corresponde ao elemento que desencadeia a mudança, ainda que nem sempre seja explicitada. O paciente, por sua vez, é o participante que sofre a mudança de estado e passa a ocupar a posição de sujeito da construção resultativa:

(35) O vaso ficou quebrado.

Em (35), o vaso é interpretado como paciente afetado por um evento anterior de quebrar. A causa pode estar ausente, por ser desconhecida, irrelevante ou inferível pelo contexto. Essa análise se aproxima de Minello (2017), para quem as passivas resultativas ocupam uma posição intermediária entre as passivas analíticas e as passivas estativas, pois preservam a noção de mudança, mas não projetam agentividade da mesma forma que a passiva analítica. Isso explica por que a passiva resultativa não licencia agente da passiva:

(36) O vaso ficou quebrado (*pelo menino).

Também se observou que a passiva resultativa tende a ocorrer com verbos que possam ter uma leitura télica e bieventiva, isto é, uma leitura em que um evento anterior desencadeia um estado resultante:

(37) Provavelmente algum arquivo essencial ficou corrompido com a queda de energia.

Nesse exemplo, a mudança de estado *ficar corrompido* resulta de um evento anterior, indicado no próprio contexto: a queda de energia.

Os verbos psicológicos apresentaram comportamento particular. Exemplos como *fiquei muito emocionada com o filme*, *fiquei surpreso com a entrada do artista* e *os professores ficaram irritados com os alunos* mostram que esses verbos aceitam a estrutura [*ficar* + *particípio*], mas diferem das passivas resultativas prototípicas porque tendem a demandar um complemento que indique a causa do estado psicológico:

(38) Minha mãe ficou irritada comigo.

Levantou-se a hipótese, corroborada por Cançado et al. (2024), de que estados psicológicos não são diretamente observáveis nem facilmente inferíveis sem referência à sua causa (o estímulo do estado está sempre atrelado ao experienciador), ao contrário de mudanças físicas ou materiais, como em *o biquíni ficou desbotado* ou *o cabelo ficou desarrumado*.

No caso das passivas estativas, a investigação partiu da estrutura [*estar* + *particípio*]. Foram analisadas orações com verbos como *encharcar*, *cercar*, *amadurecer*, *abandonar*, *barbear* e *estrangular*:

(39) Solos estão encharcados.

(40) Munduruku estão cada vez mais cercados pela soja e agrotóxicos.

(41) O seu sistema imunológico ainda não está amadurecido.

(42) Parque infantil do Jardim Panambi está abandonado.

A partir desses dados, concluiu-se que as passivas estativas se assemelham às resultativas porque também selecionam verbos que indicam mudança de estado em um paciente. No entanto, diferem delas porque focalizam o estado atual do paciente, e não o processo de mudança nem o resultado enquanto culminação de um evento:

(43) A porta está fechada.

Em (43), a construção descreve a condição atual da porta. Ainda que se possa inferir um evento anterior de fechar, esse evento não é focalizado.

Com base em Alves (2015), observou-se que as passivas estativas se aproximam de predicados adjetivais, pois atribuem uma propriedade ao sujeito sem projetar a estrutura eventiva completa. Isso explica a incompatibilidade dessas construções com elementos que pressupõem agentividade ou instrumento:

- (44) A porta foi quebrada com um único empurrão.
- (45) ?A porta ficou quebrada com um único empurrão.
- (46) *A porta está quebrada com um único empurrão.

Em (44), a passiva analítica focaliza o evento e licencia o instrumento. Em (45), a passiva resultativa ainda mantém vínculo com o evento de mudança, aceitando não muito naturalmente a causa. Já em (46), a passiva estativa focaliza apenas o estado da porta e não licencia o instrumento.

A investigação também indicou que as passivas estativas são compatíveis com verbos que envolvam um processo culminando em um estado alvo. Verbos como *quebrar*, *destruir*, *amadurecer*, *cercar*, *encharcar* e *abandonar* favorecem esse tipo de construção porque permitem atribuir ao sujeito um estado resultante ou uma condição estabelecida. Já verbos que expressam estados puros, como *amar*, *ter* e *valer*, não se ajustam à passiva estativa, pois não envolvem mudança de estado.

A comparação entre as duas construções levou à seguinte generalização: a passiva adjetival resultativa focaliza o estado final como resultado de uma mudança anterior; a passiva adjetival estativa focaliza a condição atual do paciente. A resultativa preserva mais claramente o vínculo com o evento que produziu a mudança; a estativa aproxima-se mais de uma predicação adjetival, descrevendo uma propriedade vigente do sujeito.

Assim, com base nos dados analisados, concluiu-se que as passivas adjetivais resultativas e estativas mantêm relação com a passividade porque o sujeito corresponde ao paciente ou participante afetado por uma mudança de estado. No entanto, diferem das passivas verbais porque não focalizam diretamente o evento nem projetam agentividade da mesma forma. A resultativa articula evento anterior e estado resultante; a estativa focaliza a propriedade atual do paciente, frequentemente dissociada da recuperação explícita do evento que a originou.

3.4 Síntese dos resultados da investigação

Os resultados apresentados nesta seção mostram que a metodologia investigativa permitiu aos alunos passar da observação de dados particulares à formulação de generalizações sobre o funcionamento das passivas no português brasileiro. Mais do que fixar classificações previamente dadas, o percurso levou os futuros professores a relacionar forma sintática, estrutura argumental, papéis temáticos, aspecto lexical e efeitos discursivos.

A passiva analítica apresentou-se dependente de uma ativa correlata com complemento não preposicionado, mas também sensível à leitura semântica do verbo e à presença de um participante afetado ou de um alvo. A passiva sintética evidenciou a necessidade de distinguir o *se* apassivador do *se* indeterminador, articulando critérios sintáticos e efeitos discursivos. As passivas adjetivais resultativas e estativas, por sua vez,

mostraram que o rótulo passiva pode ser produtivo para descrever construções em que o sujeito corresponde ao participante afetado, ainda que o foco recaia sobre o resultado ou o estado, e não sobre o evento completo.

A experiência também permitiu verificar que a gramática escolar não precisa restringir-se à nomenclatura tradicional nem a regras prescritivas. Ela pode ser apresentada como um mecanismo cognitivo e linguístico que estrutura a fala e a escrita, organizando eventualidades: ações, processos e estados, participantes, relações entre esses participantes e diferentes perspectivas sobre o evento, como ativa, média e passiva. Desse modo, o falante mobiliza criativamente os recursos gramaticais da língua para construir sentidos e se posicionar em relação ao que deseja comunicar.

Esses resultados mostram que a metodologia investigativa favoreceu não apenas a compreensão das construções passivas, mas também a formação de uma postura analítica diante dos fenômenos gramaticais. Essa passagem da observação dos dados à formulação de generalizações constitui a base da transposição didática discutida na seção seguinte.

4 Roteiros investigativos para o ensino básico

Os roteiros investigativos constituem o principal desdobramento didático da experiência relatada neste artigo. Após a aplicação da metodologia em sala de aula e a sistematização dos resultados descritivos sobre as passivas no português brasileiro, os grupos transformaram o percurso de análise em propostas didáticas voltadas ao ensino básico.

Esses roteiros foram elaborados com o objetivo de tornar acessível ao professor da educação básica um conjunto de procedimentos de investigação gramatical fundamentados em pesquisa linguística. Não se trata de apresentar apenas definições prontas sobre as passivas, mas de oferecer um percurso orientado para que professores e alunos possam observar dados, formular hipóteses, aplicar testes, comparar resultados e construir generalizações sobre o funcionamento da língua.

A proposta parte do princípio de que o professor não precisa dominar previamente toda a literatura especializada sobre construções passivas para desenvolver uma prática investigativa de gramática em sala de aula. Cabe ao roteiro oferecer a mediação necessária entre o conhecimento linguístico produzido na universidade e as condições concretas de ensino. Por isso, cada roteiro apresenta explicações sucintas, exemplos comentados, orientações de condução e atividades organizadas de modo progressivo.

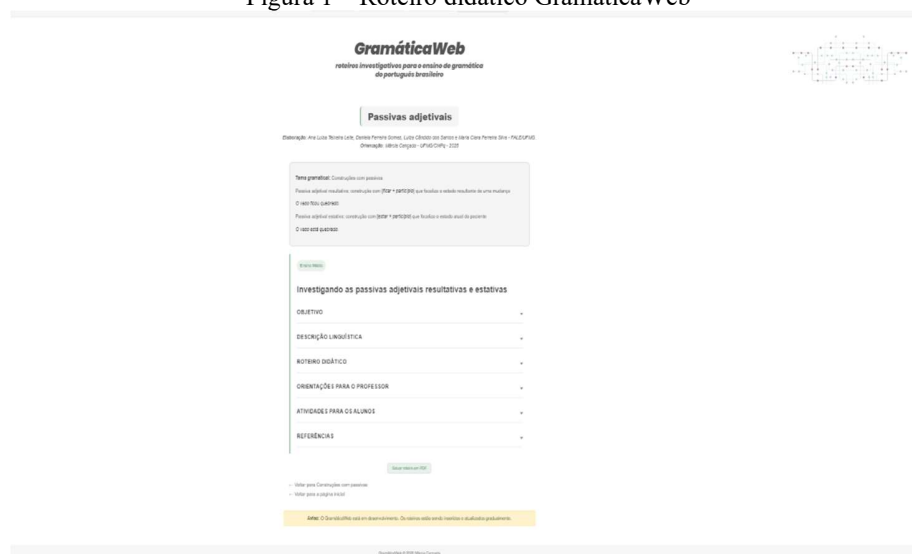
A estrutura dos roteiros preserva a lógica metodológica aplicada na disciplina: parte-se de uma situação de sensibilização ou da observação de dados reais; em seguida, propõem-se testes de transformação e comparação; depois, orienta-se a consulta ao VerboWeb 3.0; por fim, conduz-se a sistematização dos resultados. Desse modo, a experiência desenvolvida na formação dos alunos é convertida em material didático para o ensino básico.

Foram elaborados roteiros voltados aos diferentes tipos de passivas analisados: passiva analítica, passiva sintética, passiva adjetival resultativa e passiva adjetival estativa. Cada roteiro apresenta a seguinte estrutura:

1. objetivo a ser alcançado com a propriedade estudada;

2. descrição linguística sucinta da propriedade, direcionada ao professor do ensino básico;
3. roteiro com a sequência de investigação e as atividades a serem propostas aos alunos;
4. orientações práticas para o professor conduzir a aula, de acordo com a infraestrutura de sua escola;
5. anexo com as atividades para os alunos, para facilitar a impressão, quando necessário;
6. referências bibliográficas utilizadas;
7. possibilidade de imprimir o roteiro em PDF.

Figura 1 – Roteiro didático GramáticaWeb



A proposta é que o professor possa utilizar esses materiais tanto como apoio para o planejamento de aulas quanto como instrumento de formação continuada. Os roteiros podem ser aplicados integralmente ou adaptados conforme o tempo disponível, o nível da turma e os recursos tecnológicos da escola. Em contextos com acesso à internet, a consulta ao VerboWeb 3.0 e à GramáticaWeb pode ser feita diretamente pelos alunos, sob orientação do professor. Em contextos com menor infraestrutura, as atividades podem ser impressas e conduzidas a partir dos exemplos previamente selecionados.

A disponibilização desses roteiros na plataforma GramáticaWeb amplia o alcance social da pesquisa linguística, aproximando a universidade da escola. Ao transformar resultados de pesquisa em materiais gratuitos, claros e aplicáveis em sala de aula, o projeto oferece instrumentos para práticas de ensino mais reflexivas, investigativas e teoricamente fundamentadas.

A GramáticaWeb, nesse sentido, não funciona apenas como repositório de atividades, mas como uma plataforma de circulação do conhecimento linguístico produzido na universidade. Os roteiros disponibilizados procuram traduzir conceitos especializados em percursos de análise acessíveis, sem reduzir a complexidade dos fenômenos gramaticais. Com isso, a pesquisa linguística é convertida em prática docente, contribuindo

para a democratização do acesso ao conhecimento gramatical e para a formação de professores.

A Figura 2 ilustra a interface da GramáticaWeb, plataforma em que os roteiros derivados da experiência serão disponibilizados para professores do ensino básico.

Figura 2 – Busca no GramáticaWeb



5. Considerações finais

Este artigo teve como objetivo relatar uma experiência de ensino investigativo de gramática voltada à análise das construções passivas no português brasileiro. A experiência foi desenvolvida em sala de aula, com alunos em formação, que atuaram como investigadores da língua, observando dados reais, aplicando testes sintático-semânticos, consultando o VerboWeb 3.0 e formulando generalizações sobre diferentes tipos de passivas.

O foco do trabalho foi discutir como uma descrição linguística pode ser construída coletivamente por meio de uma metodologia investigativa. Nesse percurso, a análise das construções passivas deixou de ser tratada como mera aplicação de classificações gramaticais previamente dadas e passou a ser compreendida como um processo de observação, comparação, teste e sistematização de dados.

Os resultados descritivos produzidos na experiência permitiram distinguir quatro tipos de construções passivas - analítica, sintética, adjetival resultativa e adjetival estativa - evidenciando que a passivização no português brasileiro envolve não apenas forma sintática, mas também estrutura argumental, papéis temáticos, aspecto lexical e efeitos discursivos. A análise mostrou que essas construções compartilham a possibilidade de orientar a predicação para o participante afetado ou alvo, embora se diferenciem quanto à expressão do agente, ao tipo de evento envolvido e ao modo como focalizam processo, resultado ou estado.

A consulta ao VerboWeb 3.0 teve papel central nesse processo, pois permitiu aos alunos relacionar os dados coletados a propriedades sintático-semânticas dos verbos, como estrutura argumental, papéis temáticos, aspecto lexical, conteúdo semântico, restrições seletivas e propriedades pragmático-discursivas. Com isso, o banco funcionou não apenas como fonte de informação, mas como ferramenta de investigação linguística, favorecendo a passagem da intuição dos falantes para uma descrição mais sistemática dos fenômenos analisados.

A experiência também evidenciou que o ensino de gramática pode se beneficiar de uma abordagem investigativa. Ao observar orações reais, formular hipóteses, testar transformações e discutir dados positivos e negativos, os alunos deixam de ocupar apenas a posição de receptores de definições prontas e passam a atuar como sujeitos da análise gramatical. Esse movimento contribui para uma formação docente mais reflexiva, em que o professor em formação aprende não apenas conteúdos gramaticais, mas também modos de investigar e ensinar esses conteúdos.

Como desdobramento da experiência, os resultados descritivos foram transformados em roteiros didáticos voltados ao ensino básico. Esses roteiros preservam a lógica metodológica aplicada na disciplina: a partir de dados reais, levantar hipóteses, aplicar testes, comparar padrões e construir generalizações. Esses roteiros serão disponibilizados na plataforma GramáticaWeb.

A disponibilização dos roteiros tem uma dimensão social importante, pois busca reduzir a distância entre a pesquisa linguística desenvolvida na universidade e as condições reais de trabalho dos professores do ensino básico. Ao transformar resultados de pesquisa em materiais claros, gratuitos e aplicáveis em sala de aula, o projeto oferece instrumentos para que esses professores possam desenvolver práticas de ensino mais reflexivas, investigativas e fundamentadas teoricamente.

Desse modo, a principal contribuição deste artigo está em mostrar que fenômenos gramaticais complexos, como as passivas, podem ser trabalhados em sala de aula por meio de uma metodologia investigativa, articulando descrição linguística, formação docente e produção de materiais didáticos. A experiência relatada evidencia que a gramática pode ser ensinada não apenas como um conjunto de normas ou classificações, mas como um campo de investigação sobre o funcionamento da língua.

Contribuição de autoria

Márcia Cançado: conceitualização; metodologia; supervisão; fundos; investigação; análise formal, validação; preparação do rascunho original, revisão e edição.

Ana Luisa Teixeira Leite: curadoria de dados; investigação; análise formal; validação; preparação de parte do rascunho original.

Bárbara Rocha Pascoal: curadoria de dados; investigação; análise formal; validação; preparação de parte do rascunho original.

Daniela Ferreira Gomes: curadoria de dados; investigação; análise formal; validação; preparação de parte do rascunho original.

Gleici Kelly Alves da Silva: curadoria de dados; investigação; análise formal; validação; preparação de parte do rascunho original.

Henrique de Abreu Santos: curadoria de dados; investigação; análise formal; validação; preparação de parte do rascunho original.

Ítalo Vinícius Gonçalves: curadoria de dados; investigação; análise formal; validação; preparação de parte do rascunho original.

João Victor Batista Reis: curadoria de dados; investigação; análise formal; validação; preparação de parte do rascunho original.

Liliani Alice Rezende: curadoria de dados; investigação; análise formal; validação; preparação de parte do rascunho original.

Luiza Cândido dos Santos: curadoria de dados; investigação; análise formal; validação; preparação de parte do rascunho original.

Maria Clara Ferreira Silva: curadoria de dados; investigação; análise formal; validação; preparação de parte do rascunho original.

Sabrina de Farias Sales: curadoria de dados; investigação; análise formal; validação; preparação de parte do rascunho original.

Todos os autores leram e aprovaram a versão final do manuscrito e concordam com sua submissão.

Conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflito de interesses de natureza pessoal, comercial, acadêmica, política ou financeira que possa ter influenciado a elaboração, a análise, a interpretação dos dados ou a apresentação dos resultados deste manuscrito.

Disponibilidade de dados de pesquisa

Os dados analisados neste artigo consistem em exemplos linguísticos coletados em buscas públicas na internet, exemplos consultados na plataforma [VerboWeb 3.0](#) e dados

construídos para fins de aplicação de testes sintático-semânticos. Os exemplos utilizados na argumentação estão apresentados no corpo do próprio artigo. Os roteiros didáticos estão sendo disponibilizados na plataforma [GramáticaWeb](#).

Declaração de uso de inteligência artificial

Durante a elaboração deste artigo, utilizou-se a ferramenta de inteligência artificial generativa ChatGPT como apoio à revisão textual, à organização argumentativa e à reformulação de trechos. A análise linguística, a seleção dos dados, as interpretações e as referências bibliográficas foram integralmente revisadas e validadas pelos autores, que assumem responsabilidade pelo conteúdo final do trabalho.

Financiamento

Este trabalho vincula-se ao projeto de pesquisa desenvolvido com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio de Bolsa de Produtividade em Pesquisa da primeira autora.

Referências bibliográficas

ALVES, A. M. *Para um estudo das construções estativas do PB*. 2015. 57 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

ANTONIO, J. D.; PEREIRA, J. L.; CORREA, S. S. Uma investigação funcionalista da voz passiva analítica no português culto falado: da norma ao uso. *Entretextos*, Londrina, v. 22, n. 3, p. 174-198, 2022. DOI: 10.5433/1519-5392.2022v22n3p174-198.

ANTUNES, I. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BECHIR, T. A abordagem da voz passiva em materiais pedagógicos brasileiros. *Cadernos de Linguística*, Campinas, v. 2, n. 4, e547, 2021.

CANÇADO, M.; AMARAL, L. *Introdução à Semântica Lexical: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados*. Petrópolis: Vozes, 2016.

CANÇADO, M.; AMARAL, L.; MEIRELLES, L.; FOLTRAN, M. J. Psych verbs: the behavior of ObjExp verbs in Brazilian Portuguese. *Linguistics*, v. 62, n. 1, p. 121-158, 2024. DOI: 10.1515/ling-2022-0024.

COSTA, L. S. Ensino de verbo: práticas docentes num contexto pós-BNCC. In: WITSCHORECK, M. C.; ANDREATTA, E. P. (org.). *Ensino de línguas na contemporaneidade: reflexões, experiências e desafios*. Rio Branco: Nepan Editora, 2024. p. 147-166.

FRANCHI, C. Criatividade e gramática. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 9, p. 5-45, 1987.

FRANCHI, C. Linguagem: atividade constitutiva. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 22, p. 9-39, 1992 [1977].

FRANCHI, C. *Mas o que é mesmo “gramática”?* São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1991].

FRANCHI, C.; NEGRÃO, E. V.; MÜLLER, A. L. O uso de relações semânticas na análise gramatical. *Linha d'Água*, São Paulo, v. 14, p. 55-72, 1999.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GIACOMIN, L. M.; CERUTTI-RIZZATTI, M. E. Conhecimentos gramaticais na escola: entre a manutenção do normativismo e a gaseificação conceitual. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 19, n. 3, p. 441-458, set./dez. 2019.

KRATZER, A. Building statives. In: ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 26., 2000, Berkeley. *Proceedings* [...]. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 2000. p. 385-399.

LIMA, M. C.; SOUSA, C. S. C.; MOURA, A. C. C. A gramática nas escolas hoje: como agem e como pensam os professores. *Eutomia*, Recife, v. 23, n. 1, p. 23-44, jul. 2019.

MINELLO, C. P. *A aquisição da voz passiva no português brasileiro: da sintaxe para a morfossintaxe*. 2017. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

NASCIMENTO, É. P.; CANOSSA, I. A formação da voz passiva sintética: um processo de inacusativização verbal. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, 2015.

NEVES, M. H. M. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2003.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1996.

SANTOS JUNIOR, A. J. dos. *A indeterminação do sujeito em português: do verbo ao discurso*. 2010. 250 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, A. dos S. O clítico se no português brasileiro como índice de indeterminação do sujeito. *Educte: Revista Científica do Instituto Federal de Alagoas*, Maceió, v. 12, n. 1, p. 1683-1692, 2021.

TELES, R. de A.; TAVARES, L. R. O professor de Língua Portuguesa e o ensino da gramática: licenciatura e ensino básico em uma perspectiva circular. *Discursividades*, Campina Grande, v. 8, n. 1, p. 10-29, 2021. DOI: 10.29327/256399.8.1-1.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.